

Dívida poderá ter "acordo seletivo"

Sete grandes querem aliviar carga dos países pobres, mas caso a caso

Toronto — A reunião de cúpula de Toronto poderá desembocar em um acordo "seletivo" que permita aos países industrializados escolher individualmente uma opção em um programa para aliviar a carga da dívida dos países mais pobres, disseram em Toronto responsáveis japoneses e canadenses.

Por outro lado, a cúpula de Toronto deverá reafirmar sem ambigüidade a rejeição dos países industrializados à aplicação do mesmo tratamento para a dívida dos grandes países devedores de "receitas médias" da América Latina. Por ser sua dívida amplamente privada, os governos dos países industrializados não querem correr o risco assumido pelos bancos comerciais. O princípio é "não pagar pelos credores privados", resumiu Toyoo Gyohten, vice-ministro japonês de finanças para os assuntos internacionais.

Para os países da América Latina, o ministro japonês de finanças Kiichi Miyazawa adiantou novas propostas revelou Gyohten. Mas se negou a dar detalhes sobre elas para que as discussões de Toronto não afetem as negociações em

curso entre esses países (México, Brasil, Argentina) e seus credores públicos e privados. "A discussão deve ser levada de maneira informal", disse.

As propostas japonesas foram qualificadas de "muito interessantes, muito complicadas e devem ser estudadas", disse uma fonte britânica.

A declaração econômica da cúpula, sobre a qual os ministros de finanças começaram a trabalhar "oferecerá aos países industrializados membros do Clube de Paris, a elasticidade necessária para tratar o problema do reescalonamento (da dívida) com taxas preferenciais", disse Michael Wilson, ministro canadense de Finanças. O Clube de Paris reúne países credores e devedores para reescalonar a dívida intergovernamental.

"Pode-se afirmar que apareceu um consenso amplo em favor de uma aproximação que oferecerá não uma resposta única mas soluções alternativas que permitam a cada país credor tratar este problema em função de suas próprias condições institucionais, orçamentárias e financeiras", disse por sua vez Gyohten.

Disse um alto funcionário do Ministério de Finanças Japonês que a aproximação para um acordo significa que os países industrializados poderão tomar uma ou várias medidas para aliviar a carga da dívida pública dos países mais pobres (LDC - Least Developed Countries): Reduzir as taxas de juros, ampliar os prazos de carência ou de reembolso, ou, tal como decidiu o Japão no sábado proporcionar aos países devedores os meios para pagar sua dívida.

Só um dos sete países participantes da reunião de cúpula divulgou claramente sua posição em favor dos países mais pobres: Estados Unidos.

Michael Wilson afirmou que "o problema da distribuição da carga é um aspecto muito importante". Dito de um outra maneira, todos os países credores, inclusive o mais poderoso deles, deve ter um gesto em favor dos mais pobres na África e na Ásia. Qualificando de "intensivo" o debate entre os Ministros de Finanças, Gyohten destacou em Toronto a "forte vontade" em favor de um acordo que será transmitido aos chefes da delegação.